

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE DE DOURADOS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

ISABELA ROMERO ROSSI

**CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS: OS CAMINHOS DA MULHER
CONTEMPORÂNEA**

DOURADOS/MS

2016

ISABELA ROMERO ROSSI

**CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS: OS CAMINHOS DA MULHER
CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de habilitação: Letras – Português e Inglês

Orientadora: Prof. ^a M.^a Raquel de Oliveira Fonseca

DOURADOS/MS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Isabela Romero Rossi

**CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS: OS CAMINHOS DA MULHER
CONTEMPORÂNEA**

Este trabalho de conclusão de curso de graduação foi julgado adequado para a obtenção do título de Licenciado em Letras do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Dourados.

Aprovada em: ____ de Novembro de 2016

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a M.^a Raquel de Oliveira Fonseca – UEMS

Orientadora

Prof. Dr. Emílio Davi Sampaio – UEMS

Membro Titular

Prof.^a Dr.^a Lucília Teodora de Leitgeb Lourenço – UEMS

Membro Titular

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família que me ensinou que o estudo é parte essencial da vida.

Aos amigos e amigas que ganhei durante a graduação e aos que sempre estiveram ao meu lado, dando suporte sempre que precisei, em especial aos meus amigos Wesley Hilário e Eduardo Ura que foram amigos de extrema importância durante esses quatro anos de graduação.

Às professoras e professores que passaram pela minha vida escolar, em especial à professora Solange Neves de Brito que me alfabetizou e à minha orientadora professora Raquel de Oliveira Fonseca que me acompanhou durante os anos da graduação, ensinando sobre a literatura e me dando a oportunidade de trabalhar com ela na construção deste trabalho.

Agradeço também às mulheres do movimento feminista, pois, graças a elas, tenho a oportunidade protagonizar minha história, estudando e futuramente lecionando.

Agradeço à todas as professoras e professores da graduação pois foram essenciais em minha formação, agradeço a cada uma e a cada um sem exceção.

E ao curso de letras/inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul por ter me acolhido e ter me mostrado que eu não poderia ter feito melhor escolha.

RESUMO: Martha Medeiros é uma cronista contemporânea que escreve textos voltados para o cotidiano envolvendo reflexões acerca do comportamento humano. Essa pesquisa procura mostrar através de crônicas do livro *Liberdade Crônica*, publicado em 2014, a representação da mulher contemporânea. O livro é dividido em cinco capítulos, o primeiro foi construído somente com crônicas sobre mulher, é a partir dele que surge o *corpus* da pesquisa, mais especificamente na leitura de quatro crônicas que são o objeto da análise: *As boazinhas que me perdoem* (p. 21), *O mulherão* (p.23), *Belíssimas* (p. 30) e *Ai de nós quem mandou?* (p. 39). A escolha pela autora não foi imparcial. Sendo uma cronista mulher escrevendo sobre mulher, a autora contribui para a criação da representatividade feminina dentro do universo literário. Este trabalho dividiu-se em três capítulos: A mulher durante os séculos; Literatura e sociedade e A mulher em crônicas de Martha Medeiros. No último capítulo, desenvolvo a leitura da representação da mulher atual em diferentes esferas sociais, por meio das crônicas selecionadas e de teóricos como: Michelle Perrot, Anthony Giddens e Mary Del Priore. George Sand diz: “Tudo é história” (2013), então porque as mulheres ficariam de fora dessa história?

Palavras-chave: Martha Medeiros. Mulher contemporânea. Crônica. Sociedade. Literatura.

ABSTRACT: Martha Medeiros is a contemporary chronicler who writes texts focused on daily life involving reflections about human behavior. This paper aims to show the representation of contemporary women, through chronicles of the book *Liberdade Crônica*, published in 2014. The book is divided into five chapters, the first one was constructed only with chronicles about women, it is from this one that the corpus of the research arises, more specifically in the reading of four chronicles that are the object of the analysis: *As boazinhas que me perdoem* (p. 21), *O mulherão* (p. 23), *Belíssimas* (p. 30), and *Ai de nós quem mandou?* (p. 39). The author's choice was not impartial. Being a chronicler woman writing about woman, the author contributes to the creation of feminine representativeness within the literary universe. This paper was divided in three chapters: Literature and society; Topics about women and society; The woman in chronicles of Martha Medeiros. In the last chapter, I reflect about the representation of the current woman in different social spheres, through selected chronicles and theorists such as: Michelle Perrot, Anthony Giddens and Mary Del Priore. George Sand says that "Everything is history" (2013), so why would women stay out of this story?

Keywords: Martha Medeiros. Contemporary woman. Chronic. Society. Literature.

Epígrafe

**“Não se nasce mulher: torna-se”
(Simone de Beauvoir)**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A MULHER DURANTE OS SÉCULOS.....	10
2. LITERATURA E SOCIEDADE	23
2.2 A CRÔNICA	26
2.3 MARTHA MEDEIROS, A AUTORA.....	28
3. A MULHER EM CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

A história das mulheres ficou durante muito tempo destinada à obscuridade, como se pertencessem a elas, como se fossem destinadas a não existir. Por que essa invisibilidade foi destinada à mulher? Segundo Michelle Perrot (2013), a invisibilidade e o silêncio das mulheres eram garantia de ordem. “É a garantia de uma cidade tranquila”.

A sociedade também buscou maneiras de controlar a sede de saber que existia dentro da mulher mantendo-a afastada de qualquer tipo de saber. O saber era único e exclusivamente do homem.

Esta pesquisa surgiu da necessidade de conhecer mais sobre o tema mulher. Nesta perspectiva apresentei tal tema à professora, pois como ativista militante do feminismo, ansiava por trabalhar com algum tema voltado para a condição da mulher na sociedade. A escolha pela autora não foi imparcial. A escritora Martha Medeiros é uma cronista gaúcha de 52 anos, que escreve sobre a mulher e publicou, no ano de 2014, uma trilogia de livros entre os quais, escolhemos *Liberdade Crônica*, que em um de seus capítulos aborda a temática da mulher contemporânea.

Essa pesquisa dividiu-se em três capítulos: A mulher durante os séculos; literatura e sociedade e A mulher em crônicas de Martha Medeiros. O primeiro capítulo tem como base teórica Michelle Perrot (2013) e Mary Del Priore (2012) que trabalham com a mulher em sociedade no decorrer dos séculos e Anthony Giddens, que desenvolve considerações específicas quanto aos relacionamentos dentro da sociedade. No segundo capítulo voltarei a pesquisa para a posição da literatura na sociedade com base teórica em Antônio Candido. E, para finalizar, o terceiro capítulo será voltado para a parte de análise de quatro crônicas selecionadas: *As boazinhas que me perdoem* (p. 21), *O mulherão* (p.23), *Belíssimas* (p. 30) e *Ai de nós, quem mandou?* (p. 39) por meio dos quais desenvolvo a leitura da representação da mulher atual em diferentes esferas sociais aplicando as teóricas e teóricos usados durante a pesquisa.

O principal objetivo dessa pesquisa é mostrar como a mulher contemporânea está sendo representada no gênero crônica através da escrita da escritora Martha Medeiros e, através desse trabalho, contribuir para as pesquisas relacionadas a essa temática. A importância em analisar textos de uma escritora é uma forma de contribuir para a representatividade da mulher dentro da comunidade literária. Já dizia George Sand (2013): “Tudo é história”, então porque as mulheres ficariam de fora dessa história?

1. A MULHER DURANTE OS SÉCULOS

A formação da família do século XIX ocorreu simultaneamente ao desenvolvimento da sociedade burguesa. As responsabilidades passam a ser desde então, subdivididas entre esfera privada – espaço da mulher, e esfera pública - de responsabilidade do marido. Tal divisão sexual do trabalho, imposta pelo capitalismo, dificultou o exercício da liberdade e a igualdade entre os dois sexos, reforçando as relações hierárquicas, desta sociedade individualista, entre homem e mulher.

Cada individualidade, feminina e masculina, restrita a sua esfera, somente pode expressar-se em seu espaço. No privado, o papel da mulher era ser boa filha, esposa e dona de casa. A sociedade burguesa criou um modelo de mulher boa, honesta, submissa, ideal para o lar, que deveria ser seguido por todas para se ter o respeito dentro da sociedade.

A questão religiosa influenciava em grande parte na educação da mulher. A igreja colocava a Virgem Maria como o modelo ideal de mulher e elas eram educadas, desde o seu nascimento, para seguir os mesmos passos que os da Santa, começando pelo resguardo da sexualidade. A sexualidade da mulher era vista como um mistério, o sagrado. É através do sexo da mulher que a sociedade, junto da igreja, encontra formas de manter a mulher sobre controle, controle esse que é necessário pois, segundo Kant, toda mulher é “uma rebelde em potencial, uma chama dançante, que é preciso capturar, impedir de escapar.” (KANT apud PERROT,2013, p. 135). Toda atenção da igreja e da família era voltada para essa questão. Por isso guardar-se até o casamento era de extrema importância. Casar virgem era sinônimo de inocência e pureza e era de muita importância para um futuro casamento e caso a mulher não fosse mais virgem ela estava condenada a desonra e a prostituição. O sexo feminino é “visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza.” Para Aristóteles “a mulher é um homem mal acabado, um ser incompleto, uma forma malcozida.” (ARISTÓTELES apud PERROT,2013, p. 63).

Os trabalhos eram dados às mulheres não dependiam de estudo técnico ou científico, precisava-se apenas ter tido uma boa família que a instrísse a ser uma boa mãe, esposa e dona de casa. Segundo a igreja, sabedoria para mulher era sinônimo de destruição da família, “o saber é contrário à feminilidade”. Eva era usada como exemplo disso, pois ao querer desejar saber, ela cometeu o pecado supremo. Sendo assim a sociedade buscava maneiras de controlar essa sede de saber que existia dentro da mulher mantendo-a afastada de qualquer tipo de saber. O saber era único e exclusivamente do homem. Dentro da comunidade

religiosa, o direito a estudos eram reservados aos clérigos que estudavam teologia e estudavam latim que era considerada a “língua do saber e da comunicação”. Para homens o poder, o saber e o sagrado e para as mulheres, pecadoras, a prece, o convento das virgens consagradas, a santidade.

Rousseau confirma tais pensamentos sobre a mulher:

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, cria-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância. (ROUSSEAU apud PERROT, 2013, p. 92)

A diferença entre as criações das mulheres era evidente entre as classes sociais. A jovem burguesa desde seu nascimento era educada em boas escolas, criada aos pés da igreja, educada apenas para o trabalho de ser uma boa esposa e boa dona de casa. Já a jovem de classe pobre era posta no mundo para trabalhar desde muito cedo, geralmente em trabalhos de serviço doméstico como governantas, cozinheiras, arrumadeiras ou eram levadas a trabalhar com serviços braçais no campo.

A maior obrigação da mulher burguesa era casar e tornar-se uma boa dona de casa. Ser a dona do lar perfeita era sinal de boa educação e certeza de casamento pois, era o desejo de todo homem ser casado com uma mulher assim. Colocar o lar e a família como obrigação da mulher era também uma forma de controlá-la, e caso algo errado acontecesse de forma diferente, a culpa era toda da mulher, qualquer desestruturação dentro do lar era sua culpa. “Se a mulher não é uma boa dona de casa, a família vai por água a baixo”. (PERROT, 2013, p.116).

Michelle Perrot (2013), observa que na sociedade francesa as donas de casa de classe baixa tinham uma rotina diferente. Elas trabalhavam para manter o seu lar em ordem em todos os quesitos, inclusive no quesito financeiro. Dentro de casa ela é a mãe, esposa, médica, dona de casa e ministra das finanças. Trabalhava lavando roupa da vizinha ou costurando em casa para alguma fábrica, tudo isso para conseguir contribuir com algo a mais dentro de casa. Mas a obrigação dela não era diferente da obrigação da dona de casa burguesa. Ela tinha que zelar pelo lar, pois se ela não é uma boa dona de casa, a família estaria fadada ao fracasso.

Ela vive numa pequena habitação, que tem dois cômodos e mais um cubículo para a cozinha. Suas ocupações são o serviço de limpeza, a lavagem de roupa, as compras, a preparação das refeições, fazendo aquelas de custo mais barato. Ela mesma faz e conserta as roupas da família: o marido e dois filhos, estes, os únicos sobreviventes

dos seus que trouxe ao mundo. Ela é o médico da família e antes de tudo, seu ministro das finanças, pois gerencia o orçamento. (PERROT, 2013, p. 115)

Segundo Perrot (2013), os casamentos burgueses normalmente eram feitos entre duas famílias burguesas, como uma forma de manutenção de *status*. A mulher tinha um importante papel que era cultivar e manter a boa aparência perante a sociedade. Além de educada, boa anfitriã e boa mãe ela também deveria portar-se lindamente. Através desse trabalho que a família alcançava prestígio social.

Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães. Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família burguesa e higienizada. (DEL PRIORE, 2012, p. 229)

O modelo social capitalista que constituiu a família burguesa patriarcal cresceu e suas exigências requereram mudanças. A família de classe baixa sofreu mais com esse crescimento e viu-se forçada a abandonar a posturas e conceitos. Só o salário do homem, que era o responsável pelo sustento da casa, não bastava mais, não supria as necessidades da família. Sendo assim, a mulher viu-se obrigada a tomar providências inserindo-se na esfera pública dentro do mercado de trabalho. Começaram a trabalhar lavando roupa para a vizinhança, trabalhando como cozinheiras dentro de casas de famílias burguesas ou em fábricas de roupas como costureiras. Em sua maioria sempre trabalhando com algo relacionado ao trabalho doméstico.

Em meados do século XIX no Brasil, imigrantes começaram a chegar ao país, atraídos por propostas de empregos em lavouras, fazendas de cafés e fábricas para substituir a mão de obra escrava. Para o país, ter imigrantes trabalhando em suas fábricas era lucro, pois, seria mão de obra barata. Dentre esses imigrantes 119.581 eram mulheres e 231.731 eram homens. Em 1894, 850 das pessoas que trabalhavam em fábricas de fiação e tecelagem em São Paulo eram mulheres correspondendo a 16,74% e dentro da indústria têxtil 569 eram mulheres correspondendo a 67,62% de mão de obra feminina dentro das fábricas.

O capitalismo, mesmo obrigando a mulher a entrar na esfera pública, não proporciona as mesmas condições de trabalho, nem igualdade nos salários entre homens e mulheres. Muitas mulheres levavam serviço para terminar dentro de casa, às vezes chegavam a trabalhar até 18 horas por dia para complementar a renda.

O salário minguado e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar a miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da “mulher pública”. (DEL PRIORE, 2012, p. 516)

Em vez da mulher trabalhadora ser vista com bons olhos pela sociedade ela foi ainda mais julgada sofrendo com o peso de ser a “mulher pública”, mulher essa, considerada como sendo prostituta, que não era bem vista levando-a, então, a constantes assédios sexual em seu ambiente de trabalho e até mesmo em casa.

A operária Luiza Ferreira de Medeiros fornece um importante depoimento sobre as condições de trabalho na fábrica têxtil Bangu. [...] Ela ainda destaca um aspecto importante das relações travadas entre mulheres e homens no mundo das fábricas:

Mestre Cláudio fechava as moças no escritório para força-las à prática sexual. Muitas moças foram prostituídas por aquele canalha. Chegava a aplicar punições de dez a quinze dias pelas menores faltas, e até sem faltas, para forçar as moças a ceder a seus intentos. (DEL PRIORE, 2012, p. 584)

De acordo com Mary Del Priore (2012), apesar de existirem muitas trabalhadoras dentro do mercado do trabalho não deve existir a ilusão de que as mulheres substituíram os homens. Com o avanço da industrialização, as mulheres vão sendo tiradas de cena e a dominação do homem no mercado de trabalho vai aumentando. Nota-se que, no início do século XX, mulheres que eram 76% da força de trabalho em 1872, passam a ser apenas 23%.

As barreiras enfrentadas pelas mulheres no ingresso no mercado de trabalho iam de variação salarial à intimidação física e assédio sexual. Tais ações estão associadas à vontade de direcionar a mulher à esfera privada. Eram estratégias que sociedade encontrou e usava a favor dos homens e contra as mulheres.

Muitos acreditavam, ao lado dos teóricos e economistas ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de serem mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar, além de que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade. (DEL PRIORE, 2012, p. 585)

Contrárias a esse discurso, feministas, iniciaram com a divulgação de seus ideais na revista *A mensageira*, publicada em São Paulo entre 1897 e 1900, onde apontavam os benefícios do trabalho da mulher fora do lar. Colocavam que mulheres profissionalmente

ativas e politicamente comprometidas com os problemas da pátria se tornariam melhores mães.

Precisamos compreender antes de tudo e afirmar aos outros [...] que é a bem da própria família, principalmente dela, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e de apoio seguro de uma educação bem feita [...] Uma mãe bem instruída, disciplinada [...] funda no espírito de seu filho o sentimento da ordem [...] Uma mulher ignorante, ou fútil, não pode ser uma mãe perfeita. (DEL PRIORE, 2012, p. 590)

Durante os anos 1920 e 1930, positivistas, liberais, médicos, a Igreja, os industriais e muitos operários anarquistas e socialistas, traziam o discurso de que a mulher deveria pertencer somente à esfera privada, mas, ao mesmo tempo em que implantavam esse discurso, havia o discurso e defesa da “mãe cívica”, que era o exemplo de mãe que prepararia seu filho fisicamente, intelectualmente e moralmente para frequentar a sociedade. Essa imagem de mulher começou a ser fortemente trabalhada dentro do universo das artes onde representavam mulheres como Cleópatra, Dalila e Eva, contrapondo a imagem da Virgem Maria que era fortemente defendida pela sociedade e posta como modelo de mulher a ser seguido.

Na tentativa das mulheres da classe trabalhadora se unirem para lutar por seus direitos, elas criaram sindicatos onde faziam assembleias para discutirem quais seriam os próximos passos em busca da emancipação da mulher. Em 1906, foram escritos manifestos de operárias anarquistas onde escreveram palavras de força, união e incentivo para as trabalhadoras. Mulheres se uniram para defender um modelo de sociedade idealizado, onde mulheres e homens tivessem as mesmas condições de igualdade, onde mulheres teriam condições dignas de trabalho e de participação na vida social, ou seja, essa mulher emancipada desfrutaria dos mesmos espaços políticos, sociais e culturais que os homens. De acordo com Mary Del Priore (2012, p. 596) “Devemos demonstrar, enfim, que somos capazes de exigir o que nos pertence; e se todas forem solidárias, se todas nos acompanharem nessa luta, se nos derem ouvidos, nós começaremos por desmascarar a cupidez dos patrões sanguinolentos”.

Através de muita luta e muito vagorosamente as mulheres foram ocupando todos os espaços de trabalho possíveis. As mulheres pobres ocupavam seus espaços em indústrias, campo, plantações, colheitas, eram governantas, empregadas domésticas e cozinheiras enquanto mulheres de classe média e alta formavam-se como professoras, engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais. Mas apesar de toda mudança na esfera pública e privada, o discurso ainda posto era o de que a

esfera pública era essencialmente para o homem, pois as mulheres eram consideradas incompatíveis biologicamente com a esfera pública.

A mulher burguesa, desde pequena passa a receber instrução. Além de serem educadas para serem mães, esposas e donas de casa perfeitas, começam a aprender outras línguas como o francês, tornando-se médicas e advogadas, mas, especialmente professoras. A carreira da docência passou a ser vista, então, como uma carreira onde mulheres eram predominantes. Por outro lado, surgiram teorias que afirmavam que a feminização da carreira docente prejudicaria o rendimento do ensino, culpando a mulher pela queda do nível de qualidade do ensino. São teorias onde vê-se mais uma vez a sociedade patriarcal burguesa tentando trazer a mulher de volta a esfera privada.

Após as mudanças dentro da esfera do trabalho, o modelo de família patriarcal existente até então enfrenta mudanças mesmo a concepção do casamento e do amor. Quando mulheres questionam seu lugar posto dentro da sociedade e desafiam o modelo de esferas, público e privado, e quebram com barreiras postas e conquistam seus direitos como cidadãos, explode o conflito entre o individual e o coletivo dentro das ditas famílias. Os padrões de casamentos antes configurados como amor singular, e amor eterno passa a ser modificado e substituído. Encontra-se então uma forte fragilidade estrutural do casamento moderno burguês causado pela frágil ideia constituída ao longo do tempo pela sociedade machista na busca das mulheres pela igualdade sexual. Onde antes acreditava-se encontrar estabilidade e segurança agora passa a encontrar um constante desfaz-se e refaz-se.

Antes desse modelo de sociedade burguesa, que era dividido por esfera pública e privada, o homem não precisava trabalhar fora de casa para conseguir seu sustento, pois seu sustento estava dentro da sua própria casa. Proprietário de sua terra, ele conseguia obter tudo que era necessário para sobreviver. As pessoas casavam não necessariamente porque se amavam, os relacionamentos do eram pautados no trabalho. Pela necessidade de juntar famílias que tinham muito dinheiro ou juntar famílias para seguir uma tradição e de fazer herdeiros, A relação era mantida através do trabalho, em manter a casa não necessariamente era uma responsabilidade em manter o amor, era uma responsabilidade em manter o sustento da família. Na França do século XVII:

A vida das camponesas era regada pela da família e dos ritmos dos campos. Numa rígida divisão de papéis, tarefas e espaços. Para o homem, o trabalho da terra e as transações do mercado. Para a mulher, a casa, a criação de animais, o galinheiro e a horta, cujos produtos, como Perrete, ela vendia na feira. (PERROT, 2013, p. 111)

Segundo Giddens (1993), os casamentos entre os mais pobres aconteciam pois era um meio de organização do trabalho agrário e diz que por conta disso, consideravam improvável que uma vida voltada para o trabalho contínuo levasse as pessoas para a paixão sexual.

Tem sido relatado que, entre os camponeses da França e da Alemanha do século XVII, o beijo, a carícia e outras formas de afeição física associadas ao sexo eram raros entre os casais casados. No entanto, as oportunidades para os homens se envolverem em ligações extraconjugais eram com frequência muito numerosas. (GIDDENS, 1993, p. 49)

Após a mudança da estrutura social, no século XVIII, os relacionamentos da família burguesa passaram a ser estruturados de outra maneira. Simmel diz que: “o casamento passou a ser justificado pela noção romântica de individualidade e de amor modernos, onde a escolha do cônjuge envolve uma inclinação totalmente pessoal” (VAITSMAN, 2001, p.15). Esse novo modelo de amor, esse amor burguês, amor romântico, passou a ser responsabilidade da mulher. O homem como responsável da esfera pública supostamente não tem tempo para preocupar-se com os sentimentos, já a mulher, que cuida da esfera privada, supostamente está mais livre e com tempo para tomar conta dos sentimentos. Segundo Giddens, alguns dizem que o amor romântico foi inventado pelos homens para conseguir manipular a cabeça das mulheres e enchê-las de sonhos fúteis e impossíveis.

De acordo com Giddens, o amor romântico depende da identificação entre os prováveis parceiros que os leva a atração e logo a união. Ele está ligado a busca. “O amor romântico é um amor sexual, mas liberta a *ars erótica*. A satisfação e a felicidade sexuais, especialmente na forma fantasiada do romance, são supostamente garantidas pela força muito erótica provocada pelo amor romântico.” (GIDDENS, 1993, p. 73)

O surgimento da ideia do amor romântico tem de ser compreendido em relação a vários conjuntos de influências que afetaram as mulheres a partir do final do século XVII. Um deles foi a criação do lar. Um segundo foi a modificação nas relações entre pais e filhos; um terceiro, o que alguns chamaram de “a invenção da maternidade”. No que diz respeito à situação das mulheres, todos eles estavam muito intimamente integrados. (GIDDENS, 1993, p. 52)

Após a II Guerra Mundial, nos anos 50, o crescimento urbano e econômico do país disparou. Os discursos políticos pediam por democracia e participação enquanto as mulheres ainda sofriam preconceito com o discurso de que elas pertencem somente a esfera privada sendo mal vistas quando participavam da esfera pública. Esse discurso que estava arraigado na sociedade tornou-se mais forte com o fim da guerra pois sofreu influência de indústrias

estrangeiras que faziam fortes campanhas para a volta da mulher ao lar e aos seus antigos valores. Usar esses discursos para enfraquecer o movimento das mulheres em conseguirem sua emancipação, era a forma encontrada para manipulação das massas. Forçar a mulher a entrar no mercado de trabalho e depois força-la a voltar aos seus antigos valores foi a estratégia encontrada para extinguir qualquer ideia relacionada a emancipação da mulher. A sociedade capitalista burguesa via as mulheres como seres que precisavam ser contidos, cada mulher era considerada uma rebelde em potencial que precisava de alguém sempre a monitorando.

O corpo da mulher, não pertencia a ela. Acima de tudo a mulher era uma imagem. Ela era aparência. De seu cabelo até sua roupa. Seus cabelos, símbolos de feminilidade e sensualidade, eram também símbolo de submissão ao homem, mais uma coisa que a sociedade burguesa usava para repreender a mulher. Antigamente, quando no mundo mediterrâneo, as mulheres usavam um véu para cobrirem suas cabeças, era tido como um sinal de submissão e dependência para com o homem. O véu é usado, inclusive, como sinal de virgindade. Por isso a noiva usa um véu em seu casamento. “O véu da noiva é um véu nupcial que apenas o marido deve retirar, assim como é ele que deflora o hímen. Significa oblação, oferenda, sacrifício da esposa.” (PERROT, 2013, p. 57).

Ela não tinha direito sobre seu corpo. Vestia-se e portava-se de acordo com que lhe era imposto, como se fosse um bibelô, era assim que a mulher vivia. Todas as mulheres eram levadas a pensar dessa forma, pensar apenas na aparência, por isso era um discurso frequente entre elas mesmas. Dentro de revistas femininas, como *Marie Claire*, diziam “Todas as mulheres podem ser belas. É uma questão de maquiagem e de cosméticos”. O discurso de aparência tornou-se tão enraizado dentro da sociedade que, segundo Michelle Perrot (2013, p. 50), “nem mesmo as mulheres tentavam mudar isso, elas mesmas incentivavam a continuar seguindo esse modelo de aparência. Incentivava-se tanto esse modelo que as mulheres passaram a usar sua aparência como moeda de troca amorosa. Ela se produzia não para ela, mas para o homem”. De acordo com o pensamento de Perrot (2013), ao retomar Georges Vigarello, observa-se as modificações do gosto pelo corpo através do tempo, já que

Até o século XIX, perscruta-se a parta superior, o rosto, depois o busto; há pouco interesse pelas pernas. Depois o olhar desloca-se para a parte inferior, os vestidos se ajustam mais à cintura, as bainhas descobrem os tornozelos. No século XX, as pernas entram em cena, haja vista à valorização das pernas longilíneas nas peças publicitárias. “Progressivamente, a busca da esbeltes, a obsessão quase anoréxica pela magreza sucedem à atração pelas generosas formas arredondadas da bela mulher de 1900”. (PERROT, 2013, p. 50)

Durante o século XIX, havia mulheres que eram contra a essa ditadura da moda. Virginia Woolf diz “são as roupas que me usam e não o contrário” e George Sand em sua autobiografia que diz “Afirma que não se acha bonita e que isso pouco lhe importa, tendo mais o que fazer do que ficar diante do espelho.” (PERROT, 2013, p. 50)

Nos anos de 1920 e 1930, na Europa, a mulher usa seus cabelos como símbolo de emancipação, cortando-os, então. Cortar os cabelos foi o início da libertação do corpo. Logo a mulher também deixou de lado suas antigas roupas e passou a usar o que desejava e o que lhe fazia bem.

Libertação política, libertação dos costumes, afirmação de um safismo andrógino ou de uma extrema feminilidade caracterizaram a *new woman* da *Belle Époque*. Por volta de 1900, o feminismo europeu ganha força, se desenvolve e reivindica a libertação do corpo. Os espartilhos caem em desuso, as saias ficam mais curtas, assim como os cabelos. (PERROT, 2013, p. 59)

Em 1970 o feminismo inicia na luta pela libertação das mulheres e pela igualdade na diferença. As mulheres então se redescobrem em corpo, sexo e no amor, renovando então o pensamento sobre gênero. Dentre as reivindicações do feminismo está a primeira e de grande importância: o direito ao saber. É ela que rege tudo: emancipação, o trabalho, a criação, o prazer e vem com um esforço de apropriação: leitura, escrita, acesso a instrução.

Em seguida, o direito ao trabalho, ao salário, necessidade que a mulher tinha pois o capitalismo exigia que a mulher trabalhasse nem que fosse para ganhar uma quantia mínima de dinheiro, isso tudo para ajudar no lar. “As classes populares necessitam do salário das mulheres, mesmo quando o consideram somente um ‘trocado’. A burguesia delega o lazer, o *otium* aristocrático, a suas mulheres, vitrines do sucesso e do luxo dos maridos. ‘Viver nobremente é viver sem nada fazer’, dizia-se no Antigo Regime. O que não é mais viável no capitalismo.” (PERROT, 2013, p. 159). Uma terceira reivindicação seriam os direitos civis, onde as mulheres pediam pela independência total de seus direitos dentro do casamento buscando por gestão absoluta sobre seus bens.

Uma das primeiras batalhas travadas e ganhas foi aquela empreendida pela britânica Caroline Norton, ultrajada ao ver seu marido se apoderar de seus direitos autorais, e por Barbara Leigh Smith Bodichon, para obter a independência econômica das mulheres casadas. (PERROT, 2013, p. 160).

Em seguida tem-se a busca pelos direitos políticos, onde as mulheres buscavam seus direitos ao voto e direito a vida na política. Outra reivindicação do movimento feminista é a

luta pelo direito ao corpo, é uma pauta contemporânea em que se busca a não criminalização e legalização do aborto, o direito de trabalhar sem sofrer assédio por ser mulher, a liberdade de ir e vir e a liberdade de vestir o que quiser sem ser acusada de qualquer coisa.

Em toda parte há movimentos de liberação das mulheres que puseram em primeiro plano a liberdade de contracepção e o direito à interrupção voluntária de gravidez, defendido por Gisèle de Bobigny, fundadora do movimento *Choisir* (1971).” [...] “Nos anos 1980, na França e em quase todo o mundo ocidental, desenvolvem-se as lutas pela penalização do estupro, do assédio sexual no trabalho, do incesto, imprescritível, das lutas pela proteção das mulheres submetidas a maus-tratos físicos (PERROT, Michelle. 2013, p. 161).

Quem seria, pois então a mulher moderna contemporânea? Segundo Alexandra Kolontai (2000), essa mulher é fruto do desenvolvimento do capitalismo e não poderia ter surgido a não ser pelo aumento quantitativo da força de trabalho assalariado. “Há cinquenta anos, considerava-se a participação da mulher na vida econômica como desvio do normal, como infração da ordem natural das coisas.” (KOLONTAI, 2000, p. 16). Hoje vemos um cenário totalmente contrário onde a população trabalhadora feminina é superior ao crescimento da população masculina.

A mesma mulher que antes era educada para manter-se em casa submetida ao marido vê-se obrigada a aprender a manter-se sozinha, sem o apoio do pai ou do marido tendo que se adaptar rapidamente as novas condições da existência na sociedade. “As virtudes femininas – passividade, submissão, doçura – que lhe foram inculcadas durante séculos, tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais.” (KOLONTAI, 2000, p. 17). Cria-se então um novo modelo de mulher. Agora, por conta do modelo de sociedade capitalista, ela tinha que tornar-se o mais próxima da natureza do homem para sua própria sobrevivência dentro do mercado do trabalho. Mulheres que não se adaptavam a esse novo modelo continuavam agarradas ao modelo de mulher do lar.

Este tipo de mulher é uma consequência natural e inevitável da participação da mulher na corrente da vida econômica e social. O mundo capitalista só recebe as mulheres que souberem desprezar, a tempo, as virtudes femininas e que assimilaram a filosofia da luta pela vida. Para as inadaptadas, isto é, para aquelas mulheres pertencentes ao tipo antigo, não há lugar nas fileiras das hostes trabalhadoras. (KOLONTAI, 2000, p. 18)

Essa nova mulher, é forçada a deixar de lado anos de construção social e de construção ideológica, e é forçada a se enrijecer, deixar os sentimentos um pouco de lado para poder manter-se dentro da sociedade. E, ao mesmo tempo que a sociedade cobra uma mulher mais

enrijecida, ela também cobra uma mulher que seja responsável e mantedora da esfera sentimental.

[...] A nova classe trabalhadora não quer mulheres sem personalidade, no matrimônio e no seio da família, nem mulheres que possuam as virtudes femininas – passividade e submissão. Necessita de companheiras com uma individualidade capaz de protestar contra toda servidão, que possam ser consideradas como um membro ativo, em pleno exercício de seus direitos, e, conseqüentemente, que sirvam à coletividade e à sua classe. (KOLONTAI, 2000, p. 23)

Segundo Michelle Perrot (2013), o reaparecimento da mulher acontece de forma diferente para mulheres e homens. Os dois vivem juntos as rupturas da sociedade mas a mulher recebe o impacto da mudança totalmente diferente pois, tais rupturas a fazem conhecer a sociedade com outros olhos. As escolhas das mulheres passam a serem vistas por elas como crescimento individual, tais escolhas não são mais vistas como um fardo mas sim como enriquecimento pessoal não sendo mais um obstáculo para sua construção individual e servindo como influencia para o modo de se constituir mulher.

Questionando o espaço que o amor ocupa nos relacionamentos amorosos da contemporaneidade, pesquisadores destacam o fato de que se baseiam na satisfação individual onde o indivíduo busca satisfazer-se fisicamente e emocionalmente. Alexandra Kolontai (2000) diz que “talvez não haja nenhuma outra relação humana como as relações entre os sexos, na qual se manifeste com tanta intensidade o individualismo grosseiro que caracteriza nossa época.” (KOLONTAI, 2000, p. 56).

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p. 6)

Para Bauman (2004), o novo amor também está voltado para o sexo e a necessidade de fazê-lo. É o sexo que faz o ser humano buscar pelo outro, ele é impulsionado pela necessidade carnal e só se satisfaz quando encontra com quem dividir essa necessidade.

É fácil perceber que esse papel do sexo não foi acidental. Das muitas tendências, inclinações e propensões "naturais" dos seres humanos, o desejo sexual foi e continua sendo a mais óbvia, indubitável e incontestavelmente social. Ele se estende na direção de outro ser humano, exige sua presença e se esforça para transformá-la

em união. Ele anseia por convívio. Torna qualquer ser humano — ainda que realizado e, sob todos os outros aspectos, auto-suficiente (sic) — incompleto e insatisfeito, a menos que esteja unido a um outro. (BAUMAN, 2004, p. 27)

Segundo Giddens (1993), foi na última geração que, para as mulheres, viver a sua própria vida significou deixar a casa paterna. Sair de casa significava, antigamente, casar-se, era assim que as mulheres tinham sua própria vida. Algumas mulheres de hoje ainda tem esse ideal como pensamento de liberdade, diferente dos homens.

Muitos estudiosos têm observado que, mesmo quando um indivíduo ainda está sozinho e apenas prevendo relacionamentos futuros, os homens em geral falam em termos de “eu”, enquanto as narrativas femininas sobre si mesmas tendem a ser expressadas em termos de “nós”. (GIDDENS, 1993, p. 63)

Nos dias atuais, de acordo com Giddens (1993), podemos chamar os relacionamentos atuais de *relacionamento puro*, que é o relacionamento onde o indivíduo busca pela sua satisfação e só são continuadas enquanto ambas as partes se consideram suficientemente satisfeitas.

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. (GIDDENS, 1993, p. 68)

Outro ponto que torna complexa as relações entre mulheres e homens da sociedade contemporânea é a ideia de desigualdade entre os sexos. A sociedade cresceu e desenvolveu-se através de pensamentos machistas que caracterizam o homem como apto para viver dentro da esfera pública, como líder de seus relacionamentos e dono de quem ele se relaciona. Isso está enraizado dentro de cada ser. A mulher cresceu e desenvolveu-se como sendo apta para viver dentro da esfera privada, mesmo hoje, pleno século XXI, ainda existem ideais que tentam trazer a mulher de volta para essa esfera. Dentro das relações da mulher vemos que a sociedade contemporânea consegue ir além de outros tempos na questão de tutela da mulher. Essa sociedade exige que a mulher se case com um homem que lhe seja digno, que respeite seu status perante a sociedade e não espera que ela se case com alguém que não corresponda a isso. Homens que se casam com mulheres que não correspondem ao mesmo status deles dentro da sociedade não recebem o mesmo julgamento que as mulheres quando a situação é inversa. Essa desigualdade entre os sexos dificulta as relações.

Para Giddens (1993), o homem moderno do século XIX anseia por status perante os outros homens pois isso lhe trará recompensas materiais. Mas ele deseja também algo que a mulher já conseguiu alcançar a muito tempo: confiança emocional.

Os homens procuravam obter a auto-identidade (sic) no trabalho, e – em geral, devemos sempre acrescentar – não compreenderam que o projeto reflexivo do eu envolve uma reconstrução emocional do passado para projetar uma narrativa coerente em diferença ao futuro. Sua confiança emocional inconsciente nas mulheres era o mistério cuja resposta eles buscavam nas próprias mulheres, e a busca pela auto-identidade (sic) ficou dissimulada nesta não reconhecida dependência. (GIDDENS,1993, p. 71)

A revolução das mulheres ainda está em processo. A cada dia mais e mais mulheres tomam consciência do espaço que tem direito de ocupar dentro da sociedade e buscam seus direitos com total lucidez. Sabe-se que esse processo é lento e sem tempo pra acabar mas sabe-se que sem esse processo de transformação não só a mulher mas toda a sociedade irá regredir pois a luta da mulher não é somente dela, é dela e de toda classe que não é contemplada por esse sistema patriarcal adotado pela sociedade.

2. LITERATURA E SOCIEDADE

Homi Bhabha (1998) diz que a literatura trabalha com diversas situações sociais que ajudam na criação do universo literário. A sociedade racionalizada, fragmentada, marcada pela existência de atores sociais, por conflitos e contradições oferece um campo de desafios e novas possibilidades para todas as formas de arte. A literatura, em muitos casos, oferece a parte imaginada da nação (BHABHA, 1998). Deve-se entender que a literatura e suas obras não são algo a parte da sociedade, elas têm participação ativa em todos os campos.

Uma obra literária não traduz de maneira fiel a sociedade, é através dos valores morais, da tomada de posição do autor que ela é transformada em uma síntese da sociedade. Segundo Antonio Candido (2006) a literatura passa por um processo de criação que começa pelo impulso e a necessidade interior do artista que o guia segundo os padrões de sua época, depois o artista escolhe certos temas para trabalhar, depois usa de certas formas para a estruturação da obra e, por último, a síntese resultante age sobre o meio. Deve-se lembrar que o artista não é uma resultante ou um foco refletor, ele possui seu próprio espelho, é único e individual. “Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade” (CANDIDO, 2006, p. 22). Cada sujeito tem sua individualidade e quando o artista usa de sua individualidade ele acaba delimitando e organizando o público criando então diferentes grupos de público.

A visão sociológica da literatura apresenta a possibilidade de pensar o texto a partir do contexto não imediato, mas a partir da literatura própria de dado autor. Essa visão orienta-se a partir da percepção das formas de dominação histórico-social onde as produções artísticas, especialmente as produções literárias, tem constante contato e é onde o autor busca o material necessário para elaborar sua perspectiva com a qual a sociedade irá se relacionar. Não se deve pensar na relação sociedade e obra ou obra e sociedade como relações opostas, deve -se pensar nisso como um conjunto, onde um não funciona sem o outro e não existem em formas independentes. “Com efeito, a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público. Vendo os problemas sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas.” (CANDIDO, 2006, p. 22)

Antigamente a visão que se tinha sobre as produções literárias era a de que eram obras produzidas pelo povo, histórias como as dos Irmãos Grimm tornaram-se prova concreta disso

pois as histórias eram lendas contadas pelo povo; a Odisseia também foi comparada a um conjunto de obras produzidas pelo povo onde diziam que a história contada por Homero eram apenas cantos dos *aedos* que depois foi recolhido e transformado em obra literária. Segundo Candido (2006), hoje essa visão romântica sobre a criação das obras não existe mais e passou a ser uma visão racional onde se sabe que a obra não existe sem o artista criador. A partir do estudo histórico da literatura nota-se que as forças sociais são cada vez mais presentes nas constituições das obras, elas influenciam o artista criador em doses pequenas e às vezes em doses grande, para Candido a influência da sociedade nas obras acontece de maneira determinante quando ela julga a necessidade da produção considerando se a obra se tornará relevante para o coletivo.

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas. (CANDIDO, 2000, p. 29)

A obra é dividida entre conteúdo e forma. O conteúdo é visto através dos valores ideológicos e sociais que a obra apresenta e a forma é trabalhada através das modalidades de comunicação exercidas pela sociedade. O foco sobre as obras deve ser observado a partir das influencias que ela sofre a partir dos valores sociais e dos modos de comunicação exercidos sobre ela. Candido (2006) usa o exemplo da influência dos jornais na mudança e criação de gêneros e a crônica e o romance de folhetim são dois gêneros criados por influência dos jornais, gêneros de fácil acesso por conta do veículo que os leva até as massas, um gênero de linguagem acessível, com temas do cotidiano que prendem a atenção do leitor:

[...] a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica, ou modificando outros já existentes, como o romance. Com a invenção do folhetim romanesco por Gustave Planche na França, no decênio de 1820, houve uma alteração não só nos personagens, mas no estilo e técnica narrativa. (...) Por sua vez, este gênero veio a influir poderosamente, quase um século depois, sobre a nova arte do cinema, que se difundiu em grande parte, na fase muda, graças aos seriados, que obedeciam mais ou menos aos mesmos princípios, ajustados à tela. (CANDIDO, 2006, p. 34)

Quanto ao público leitor deve-se entender que ele é total influenciador na escrita do artista criador. Muitas vezes os artistas mudavam sua forma de escrita para poder agradar a todos os públicos preferindo ser adeptos ao mercado de vendas. É através da atenção do público que o artista se realiza. Para o artista o público é um espelho que reflete sua arte, é um termómetro que mede a qualidade de sua obra. “O público é fator de ligação entre o autor e sua obra.” (CANDIDO, 2006, p. 42)

Desgostoso com a pouca ressonância dos seus romances, Thomas Hardy abandona a ficção e se dedica exclusivamente à poesia. Premido pela exigência dos leitores, Conan Doyle ressuscita Sherlock Holmes — que lhe interessava secundariamente — e prolonga por mais vinte anos a série das suas aventuras. Desejosos de fama e bens materiais, muitos autores modernos se ajustam às normas do romance comercial. (CANDIDO, 2006, p. 3)

A luz de Robson dos Santos (2006), ao retomar Raymond Williams (1977) em sua obra *Marxismo e literatura*, o conceito literatura não surgiu antes do século XVIII e só se desenvolveu após o século XIX (WILLIAMS *apud* SANTOS, 2006). Antes do século XIX o papel da literatura era de entreter o público leitor, não mais que isso e só assume, finalmente, o papel de importância no processo do conhecimento e no processo de criação da sociedade, no século XIX. A partir desse século ela cria consciência de seu lugar e de sua dimensão social e passa a tratar dos problemas sociais como sua maior composição dentro das obras.

Candido (2006) diz que atualmente é um verdadeiro clichê e uma obviedade dizer que a literatura expressa a sociedade mas que quando a literatura surgiu, ela foi considerada, historicamente, algo realmente considerável. “Talvez tenha sido Madame Stäel, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.” (CANDIDO, 2006, p. 23). A literatura ganhou força no momento de desenvolvimento da modernidade, ela ganhou espaço então para falar sobre tudo que estava acontecendo, ela assume o papel de contestadora da sociedade e tenta sobreviver dentro desse meio de desenvolvimento.

A criação artística e o contexto sócio histórico são inseparáveis para entender-se a literatura. O pensamento sociológico tenta mostrar que apenas temas sociais são os temas centrais de obras literárias e Candido tenta desmistificar esse pensamento único sobre a literatura mostrando que o tema é um elemento secundário e o que determina sua importância são as formas utilizadas pelo artista, a partir delas é que uma obra ganha peculiaridades e a torna independente e única.

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, lingüísticos (sic) e outros. (CANDIDO, 2006, p. 08).

Segundo Candido (2006), o que a sociologia buscava dentro das obras era entender em que medida a arte é expressão da sociedade e em que medida ela é importante para o social. Mas os estudos basicamente focavam em analisar o conteúdo social tratado dentro das obras deixando claro que a arte só é arte caso ela trabalhe com alguma temática voltada para a sociedade. Essa razão de ser sociológica mostra o papel que a obra artística desempenha dentro das relações sociais, na manutenção e na ordem da sociedade.

(...) a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p. 24)

A obra como produto social independe do grau de consciência de ambos, tanto público quanto artista, para a sua expressão.

2.1 A CRÔNICA

Segundo Irene da Silva Coelho (2009), a crônica existe desde quando cronistas visitavam o Brasil no tempo colonial mas que só foi ser reconhecida como gênero no século XIX quando a crônica ligou-se aos jornais. Coelho (2009), lembrando Moisés (2000), diz que a palavra crônica é de origem grega e tem relação direta com tempo (chronos). Para Coutinho (1976), no início a crônica só se importava em fazer registros de evento sem outra preocupação. A crônica brasileira começa a tomar seu espaço realmente em 1852 com Francisco Otaviano no Jornal do comércio. Vários artistas ajudaram no crescimento e amadurecimento desse gênero, tais como: José de Alencar, Machado de Assis, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, entre outros nomes.

Beneficiando-se da ampla difusão da imprensa, nessa época a crônica adere ao jornal, como a surgir, no registro do dia-a-dia, a remota significação ante-histórica do anuário. É em 1799 que o seu aparecimento ocorre, mercê dos feuillets dados à estampa Julien-Louis Geoffroy no Journal de Débats. (MOISÉS *apud* COELHO, 2000, p. 102)

De acordo com Coelho (2009), Machado de Assis, em uma crônica de 30 de Outubro de 1859, faz a definição do gênero mostrando sua intenção em fazer com que o gênero assumira características próprias, deixando de lado o peso natural e trazendo leveza para o novo gênero. Coelho (2009) afirma através de Coutinho (1976), que a crônica é um dos gêneros que mais tem jeito de ser brasileiro por conta do seu estilo, sua linguagem e seus assuntos.

Coelho (2009), seguindo o pensamento de Cândido (1996), diz que crônica se consolidou na década de 1930 com a ajuda de vários escritos e jornalistas que aderiram ao gênero para trabalharem com temas sociais de um jeito leve que atraísse o público leitor.

A crônica pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesias nas suas formas mais diretas e também nas suas formas fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza humor. (CANDIDO *apud* COELHO, 1996, p. 24)

A crônica moderna conquista seu espaço através de escritores que se espelhavam em escritores como: de João do Rio, Rubem Braga e Cecília Meireles, dando uma essência totalmente brasileira. Irene da Silva diz que, ainda mais interessante do que um gênero de essência brasileira, era também a visão do próprio cronista sobre as crônicas, que é, segundo os cronistas, um gênero do cotidiano, veículo ideológico e um exercício literário. Rubem Braga trabalha com a relação entre objeto e o suporte que o veicula, para ele, a crônica é um gênero realmente ligado a ação de escrever pois é um gênero que mantém relação direta com o jornal, escreve-se e publica-se no outro dia e isso é o que importa para ele.

A crônica tem o poder de conquistar o leitor e estabelecer uma empatia com ele. É um texto de fácil acesso, de leitura rápida e de linguagem acessiva, veiculado através de jornais, revistas e livros, ela conquista o leitor apressado e o leitor sem pressa, chama atenção através de seus títulos, os convida para a leitura, os deixa com um gosto de quero mais e sempre os faz retornar. Dentro dos textos o escritor tem liberdade em mesclar seus sentimentos com o cinismo e ironia, deixa marcas de seu estilo de escrita dentro do texto, produz um texto plurissignificativo que eleva a crônica ao conceito de obra liter. O autor organiza seu texto a partir do conflito histórico-social do mundo. Tal conflito torna-se o combustível de sua obra, é ele que alimenta a ironia e os argumentos do texto. Essa linguagem irônica, informal usada

pelo escritor, aproxima o leitor do autor trazendo leveza e humanidade para a obra. Sua linguagem fica entre informal e formal, culto e colonial, ultrapassando a barreira entre ficção e realidade, jornalismo e literário, aproximando o leitor do escritor. Para Candido a crônica é um “veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas”. (CANDIDO, 1992, p. 19)

O cronista é capaz de transformar qualquer material, qualquer tema simples, em um texto repleto de humor e seriedade. Irene da Silva Coelho (2009) afirma através de Andrade (2005, p. 302), que os temas são escolhidos de maneira aleatória mas são sempre temas muito recorrentes “porque repetem o cotidiano, o banal e, por meio dessa repetição, explicitam a própria essência estilística da crônica”. Toda essa aproximação do gênero com o leitor proporciona reflexões, o leitor vê seu próprio cotidiano através das crônicas criando um diálogo entre o texto e sua vida. O cotidiano visto pelo leitor é variado, o escritor trabalha com política, políticos, tragédias, educação, religião, amor, sexualidade, sempre deixando sua opinião pessoal dentro do texto para contribuir com a formação da opinião do leitor a respeito de determinado assunto.

...Todo cronista tem seu dia em que, não tendo nada a escrever, fala da falta de assunto. Chegou o meu dia. Que bela tarde para não se escrever!

Esse calor arrasa tudo; esse carnaval que está perto, que aí vem no fim de semana; esses jornais lidos e relidos na minha mesa, sem nada interessante; esse cigarro que fumo sem prazer; essas cartas na gaveta onde ninguém me conta nada que possa me fazer mal ou bem; essa perspectiva morna do dia de amanhã; essa lembrança aborrecida do dia de ontem; e outra vez, e sempre, esse calor, esse calor, esse calor...

(...) Fiquem sabendo que eu hoje tinha assunto e os recusei todos.

Eu poderia, se quisesse, neste momento, escrever duzentas crônicas engraçadinhas ou triste, ou boas ou imbecis, úteis ou inúteis, interessantes ou cacete. Assunto não falta, porque eu acostumei a me aproveitar qualquer assunto. Mas eu quero hoje precisamente falar claro a vocês todos. (BRAGA apud COELHO, 1980, p. 13)

Em síntese, o gênero crônica quer mostrar, através de seu material, sua forma e de seu todo, uma reflexão do cotidiano com a ajuda de uma linguagem própria que proporciona fácil acesso para as grandes massas e proporciona para o engrandecimento do pensamento do ser humano.

2.2 MARTHA MEDEIROS, A AUTORA

Surge, durante o ano de 1985, Martha Medeiros. Uma cronista gaúcha de 52 anos, formada em comunicação social e é colunista nos jornais *Zero hora* e *O Globo*, mas tem suas crônicas publicadas em diversos jornais do país. Seus textos, além de estarem entre os mais vendidos, são muito divulgados através das redes sociais que tornou-se o maior meio de divulgação. As crônicas da escritora são caracterizadas por diversos temas relacionados ao comportamento humano. Em seu livro, *Liberdade Crônica*, lançado em 2014, Martha reserva um capítulo inteiro para tratar da mulher contemporânea, trabalhando o assunto através de um bate papo recheado de reflexões e ironias. Através de um e-mail enviado por Martha para a Professora Mestra Aline Pereira de Souza da Universidade Estadual Paulista (USP), pode-se entender de onde surgem os temas tratados pela autora, e de onde surgem suas ideias para as criações textuais.

A escolha dos assuntos é aleatória, pois não sou especialista em nada, tenho apenas uma predileção pelos temas que envolvem as relações humanas – mas o fato é que escrevo sobre tudo. As ideias surgem do cotidiano: podem surgir durante um papo com uma amiga, em meio a um filme, alguma cena que vi na rua, uma lembrança pessoal, uma frase de um livro, uma notícia de jornal... Tudo me serve como gancho. E não tenho a menor pretensão de defender teses, sou a primeira a dizer que não sou dona da verdade e tampouco tão bem resolvida quanto pareço. Escrevo para eu mesma compreender o que sinto a respeito dos temas que escolho, o que não impede minha flexibilidade de, mais adiante, me contradizer – ninguém sabe tudo, eu muito menos. Enfim, é um trabalho bem menos categórico do que parece. Tenho o privilégio de ter um espaço nos jornais, que são usados para compartilhar minhas reflexões com os leitores. Sou eu por escrito. (Fonte: arquivo pessoal do trabalho de dissertação de Aline Pereira de Souza 2013)

Ainda foi enviado pela escritora, uma pequena bibliografia sua:

Martha Medeiros nasceu em Porto Alegre em 20 de agosto de 1961 e é formada em Comunicação Social. Como poeta, publicou os seguintes livros: *Strip Tease* (Brasiliense, 1985), *Meia-Noite e Um Quarto* (L&PM, 1987) *Persona Non Grata* (L&PM, 1991), *De Cara Lavada* (L&PM, 1995), *Poesia Reunida* (L&PM, 1999) e *Cartas Extraviadas e Outro Poemas* (L&PM, 2001). Em maio de 1995 lançou seu primeiro livro de crônicas, *Geração Bivolt* (Artes & Ofícios), onde reuniu artigos publicados no jornal *Zero Hora* e textos inéditos. Em 1996 lançou o guia *Santiago do Chile, Crônicas e Dicas de Viagem*, fruto dos oito meses em que viveu na capital chilena. Seu segundo livro de crônicas, *Topless* (L&PM, 1997), ganhou o Prêmio Açorianos de Literatura. Seu primeiro best seller no gênero crônica foi a coletânea *Trem-Bala*, que foi adaptada com sucesso para os palcos, sob direção de Irene Brietzke. Depois, lançou ainda os volumes de crônicas *NonStop/Crônicas do Cotidiano* (2001), *Montanha-Russa* (2003, segundo lugar no Prêmio Jabuti e vencedor do Prêmio Açorianos) e *Coisas da Vida* (2005). Seu romance *Divã*, lançado pela editora Objetiva, já vendeu mais de 100.000 exemplares, foi publicado na França, Suíça, Itália, Portugal e Espanha, virou peça de teatro com Lilian Cabral no papel principal e estreou nos cinemas em abril de 2009 atingindo mais de 2 milhões de espectadores, além de ter conquistado sete prêmios no Festival de Cinema Brasileiro de Miami, incluindo melhor filme, melhor diretor, melhor atriz e melhor roteiro. Também foi adaptado para minissérie da TV Globo. Na sequência,

Martha ainda escreveu um livro infantil chamado *Esquisita Como Eu*, pela editora Projeto, e lançou mais dois livros de ficção: *Selma e Sinatra* e *Tudo que eu queria te dizer*, livro de cartas fictícias que também foi lançado na Itália e foi adaptado para teatro, num monólogo com Ana Beatriz Nogueira que atualmente faz turnê nacional. Seu livro de crônicas *Doidas e Santas*, que reúne 100 textos publicados entre outubro de 2005 e julho de 2008, também foi adaptado para peça de teatro, com Cissa Guimarães no papel principal. Em ficção, lançou ainda *Fora de Mim*, no final de 2010, e *Noite em Claro*, brevíssimo texto publicado em 2012 na coleção 64 Páginas da L&PM. Hoje Martha ainda responde pelo sucesso do livro de crônicas *Feliz por Nada*, que ocupou por um ano as primeiras posições nas listas dos mais vendidos do país. Seu próximo lançamento será um livro só com relatos de viagens, chamado *Um lugar na janela*, com previsão de lançamento para novembro de 2012. (Martha Medeiros – fonte: arquivo pessoal da autora)

3. A MULHER EM CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

Esse capítulo será voltado para a análise de quatro crônicas retiradas da obra de Martha Medeiros *Liberdade Crônica* (2014). Os textos foram retirados especificamente do primeiro capítulo do livro cujo tema é a *mulher contemporânea*. Os textos são: *As boazinhas que me perdoem* (p. 21), *O mulherão* (p.23), *Belíssimas* (p. 30) e *Ai de nós quem mandou?* (p. 39).

A primeira crônica a ser analisada é *As boazinhas que me perdoem*. A cronista inicia o texto com um questionamento: “Qual é o elogio que toda mulher adora receber?” (MEDEIROS, 2014, p. 21), a partir desse questionamento ela aponta alguns elogios que, segundo a autora, levariam o elogiador a conquistar a elogiada.

Diga que ela é uma mulher inteligente e ela irá com a sua cara. Diga que ela tem um ótimo caráter, além de um corpo que é uma provocação, e ela decorará o seu número. Fale do seu olhar, da sua pele, do seu sorriso, da sua presença de espírito, da sua aura de mistério, de como ela tem classe: ela achará você muito observador e lhe dará uma cópia da chave de casa. (MEDEIROS, 2014, p. 21)

Após isso ela lança ao leitor outro questionamento seguido de uma resposta imediata: “Agora, quer ver o mundo cair? Diga que ela é muito boazinha”. (MEDEIROS, Martha. 2014, p. 21), a partir desse questionamento ela descreve pontos supostamente negativos em relação a ser uma mulher boazinha.

Voz fina, roupas pastéis, calçados rentes ao chão. Aceita encomendas de doces, contribui para a igreja, cuida dos sobrinhos nos finais de semana. Disponível, serena, previsível, nunca foi vista negando um favor. Nunca teve um chique. Nunca colocou os pés em um show de rock. É queridinha. Pequeninha. Educadinha. Enfim, uma mulher boazinha.” (MEDEIROS, Martha. 2014, p. 21)

No parágrafo a seguir a autora remete-se aos séculos em que as mulheres ainda não tinham conquistado seus direitos como cidadãs dizendo que o tempo de ser boazinha foi há séculos atrás e que hoje ser chamada de boazinha é praticamente um insulto para o tanto de espaço que a mulher conquistou. A mulher boazinha é considerada um atraso para a vida da nova mulher. “As boazinhas não têm defeitos. Não têm atitude. Conformam-se com a coadjuvância. Ph neutro. Ser chamada de boazinha, mesmo com a melhor das intenções, é o pior dos desaforos.” (MEDEIROS, 2014, p. 22)

A mulher retratada por Martha Medeiros no primeiro momento da crônica é uma mulher que cai na “lábria de malandro”. Ela descreve elogios que, sim, são agradáveis de

serem ouvidos, mas que servem somente para um tipo de relacionamento, o famoso relacionamento de uma noite, ou, a ficada de uma noite. São elogios vazios, que enaltecem somente sua beleza e algumas habilidades que algumas mulheres não necessariamente tem por uma escolha própria como quando ela diz: “Diga que ela cozinha melhor que sua mãe” (MEDEIROS, 2014, 22), nem todas as mulheres sabem cozinhar e nem por isso não são merecedoras de uma boa conquista. Quando a autora levanta essa questão, como uma mini competição, entre sogra e esposa/namorada, de que a suposta namorada tem que competir espaço/atenção com a sogra, tem que ser melhor que ela na cozinha ou em serviços domésticos, pode-se notar uma competição gerada pela sociedade machista onde fazem com que mulheres sejam rivais e não companheiras, onde o certo seria o companheirismo. Acredito que quando a autora usa da palavra *melhor*, como sentido de ser superior a alguém, ela retrata essa disputa que existe entre as mulheres na atual sociedade, é uma ação quase que automática de grande parte das mulheres viver em uma competição normalmente ligada a relacionamentos. Sobre a amizade entre mulheres Octavio Paz assevera:

Até agora a amizade entre mulheres é muito mais rara que a amizade entre os homens. Nas relações femininas são frequente as intrigas, as invejas, as fofocas, os ciúmes e as pequenas maldades. Tudo isso se deve, quase seguramente, não a uma incapacidade inata das mulheres e sim a sua situação social. (PAZ, 1994)

Durante seu relato de elogios que agradam as mulheres, pode-se notar também, uma sequência de elogios que criam uma imagem da suposta beleza feminina da tal mulher do texto. A imagem que cria-se é de uma mulher de novela, alta, loira ou morena, de sorriso branquíssimo, cabelo brilhante, pele perfeita, dona de um emprego dos sonhos, com um corpo adequado ao exigido pelos padrões de beleza, a imagem da “mulher perfeita”. Nota-se isso quando ela diz elogios como: “Diga que ela tem um ótimo caráter, além de um corpo que é uma provocação”, [...] “Fale do seu olhar, da sua pele, do seu sorriso, da sua presença de espírito, da sua áurea de mistério, de como ela tem classe”, [...] “que ela tem uma voz que faz pensar obscenidades, que ela é um avião no mundo dos negócios” [...] “Fale sobre sua competência, seu senso de oportunidade, seu bom gosto musical.” (MEDEIROS, 2014, p. 21)

Podemos entrar em alguns assuntos somente nesses trechos, como por exemplo, o corpo perfeito que ela descreveu, um corpo padrão da sociedade, são elogios que não são normalmente ditos para qualquer mulher. Acredito que a imagem que o leitor irá criar com a leitura desse texto é a imagem de uma mulher que se cuida, que investe em si mesma, e não investe só para agradar aos outros, mas sim, para agradar a si mesma, a pessoa precisa

conquistar essa mulher pois ela não vai se entregar para qualquer um, só vai com quem ela realmente achar que é merecedor e caso não haja um merecedor, ela não se importará de continuar sozinha.

Num segundo momento da crônica, a autora passa a fazer uma crítica a uma suposta “mulher boazinha”. Quem seria essa mulher descrita por Martha? É a mulher do lar, a mulher que devota sua vida aos filhos e marido, que trabalha para cuidar da casa, criar um lar perfeito, que cuida de si para agradar ao marido. Após essa descrição nota-se um suposto preconceito para com essa mulher boazinha. Essa mulher que existe, é uma mulher real, que ainda segue padrões de uma antiga sociedade burguesa, foi criada para ser assim e não tem, necessariamente, vontade de deixar de ser assim e, mesmo assim, não deixa de ser uma mulher.

A autora tenta criar para o leitor, através dessa descrição, uma reflexão a respeito dessa mulher, ela diz que não tem como uma mulher assim ainda existir após tantos anos de transformações sociais. Ela afirma isso quando diz: “Disponível, serena, previsível, nunca foi vista negando um favor. Nunca teve um chique. Nunca colocou os pés num show de rock” (MEDEIROS, 2014, p. 21) Aqui pode-se notar adjetivos como *disponível, serena e previsível*, usados para descrever uma mulher que supostamente não poderia existir pois, mulheres disponíveis, serenas e previsíveis não existem mais. Mas quem disse que essa “mulher boazinha” está sempre disponível, serena e é previsível? Acredito que, nem essa mulher boazinha, pequenininha, educadinha, escapa de uns momentos de estresse ou de chique, nem que seja um chique por ter esquecido de comprar a cerveja preferida do marido ou nem que seja por ser um estresse relacionado a algum jantar que ela tenha que dar. Isso não existe nem nunca existiu. Pode-se notar ainda, que, durante a descrição dessa mulher, a autora usa de muitos adjetivos no diminutivo ajudando na diminuição dela. A cronista mesma confirma essa ideia quando diz: “Quem gosta de diminutivo definha” (MEDEIROS, 2014, p. 22) Isso gera uma dualidade entre a concepção do pensamento mulher. As duas mulheres descritas aqui encaixam-se no mesmo lugar na sociedade o que as difere são as ações praticadas por elas, o que não exclui uma nem outra de ocupar a posição de mulher contemporânea.

Após falar sobre a mulher boazinha, a autora defende sua ideia argumentando que as mulheres passaram dessa fase de viver quietinhas dentro de casa sob as asas do marido, e que agora todas tem que meter a cara no mundo e mostrar para o que vieram. A autora confirma isso quando diz: “Fomos boazinhas por séculos. Engolíamos tudo e fingíamos não ver nada, ceguinhas. Vivíamos no nosso mundinhos, rodeadas de panelinhas e nenenzinhos. A vida

feminina era esse frege: bordados, paredes brancas, crucifixo em cima da cama, tudo certinho. Passamos um tempão assim, comportadinhas, enquanto íamos alimentando um desejo incontrolável de virar a mesa. Quietinhas, mas inquietas.” (MEDEIROS, 2014, p. 22) A autora ainda complementa dizendo que “Ser boazinha não tem nada a ver com ser generosa. Ser boa é bom, ser boazinha é péssimo.” (MEDEIROS, 2014, p. 22)

Com a nova formação da família burguesa no século XIX, o papel da mulher passou a ser o de boa filha, esposa e dona de casa. A sociedade burguesa criou um modelo de mulher boa, honesta, submissa, ideal para o lar, que deveria ser seguido por todas para se ter o respeito dentro da sociedade. Seus trabalhos não dependiam de estudo técnico ou científico, precisava-se apenas ter uma boa família que a instrísse a ser uma boa mãe, esposa e dona de casa.

Rousseau confirma tais pensamentos sobre a mulher:

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, cria-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância. (PERROT, 2013, p. 92)

É só durante os anos de 1970 que a mulher passa por um processo de transformação social que lhe possibilita novas escolhas como: o direito ao saber e ao trabalho.

A autora termina o texto dizendo que hoje, as mulheres são totalmente o oposto dessa mulher boazinha, elas são “complicadas, batalhadoras, persistentes, ciumentas, apressadas.” (MEDEIROS, 2014, p. 22) Nessa descrição nota-se que a autora usou de adjetivo que supostamente enaltecem a mulher contemporânea, ela diz que são “adjetivos vorazes, produtivos, enigmáticos.” (MEDEIROS, 2014, p. 22) e diz, também, que as boazinhas não existem mais, foram embora para o espaço e deram espaço para essa mulher contemporânea forte e decidida descrita pela cronista o que não é verdade pois, do jeito que ela põe a mulher contemporânea no texto, parece que ela faz uma generalização e diz que só esse tipo de mulher existe excluindo, então, qualquer variação. Deve-se pensar que as mulheres são o que são hoje por conta das mudanças da sociedade que forçaram a mulher a deixar seu antigo estilo de vida consideravelmente calmo e tornarem-se agitadas

A segunda Crônica a ser analisada é *O mulherão*. Martha inicia o texto descrevendo um mulherão, segundo ela, sob a visão do homem. “Ele imediatamente vai falar no tamanho dos seios, na medida da cintura, no volume dos lábios, nas pernas, bumbum e cor dos olhos.

Ou vai dizer que mulherão tem que ser loira, 1,80 m, siliconada, sorriso colgate.” (MEDEIROS, 2014, p. 23)

Após ela mostrar um mulherão na visão de um homem ela diz “Agora pergunte para uma mulher o que ela considera um mulherão e você vai descobrir que tem uma em cada esquina” (MEDEIROS, 2014, p. 23) e, a partir disso, a autora descreve um mulherão, na visão da mulher.

Mulherão é aquela que pega dois ônibus para ir para o trabalho e mais dois para voltar, e quando chega em casa encontra um tanque lotado de roupa e uma família morta de fome. Mulherão é aquela que acorda de madrugada para pegar a senha da matrícula na escola e aquela aposentada que passa horas em pé na fila do banco para buscar uma pensão merreca. Mulherão é a empresária que administra dezenas de funcionários de segunda a sexta, e uma família todos os dias da semana. Mulherão é quem volta do supermercado segurando várias sacolas depois de ter pesquisado preços e feito malabarismo com o orçamento. Mulherão é aquela que se depila, que passa cremes, que se maquia, que faz dieta, que malha, que usa salto alto, meia-calça, ajeita o cabelo e se perfuma, mesmo sem nenhum convite para ser capa de revista. [...] (MEDEIROS, 2014, p. 23)

O primeiro momento da crônica é voltado para a descrição de uma mulher ideal no quesito beleza segundo os moldes da sociedade contemporânea. A cronista chama essa mulher de “O mulherão”, usando do substantivos mulher e transformando-o em um adjetivo de grau aumentativo, mostrando para o leitor que essa mulher é grandiosa, extraordinária no quesito beleza. Ela faz essa descrição seguindo a suposta linha de raciocínio de um homem, dizendo que só eles pensariam em uma mulherão dessa forma. Mas quem disse que uma mulher também não pensaria a mesma coisa? Normalmente quando ouve-se a palavra mulherão, logo remete-se exatamente a essa mulher descrita pelos homens, segundo a cronista. Uma mulher de corpo ideal, sorriso brilhante, bumbum sem estria, olhos claros, cabelo perfeito. Não é um pensamento unicamente masculino.

Logo após a descrição dessa mulher, a autora faz a descrição da mulherão que, supostamente, seria a pensada pelas mulheres. Nota-se que algumas características descritas para essa mulherão como positivas foram apontadas na crônica anterior, (*As boazinhas que me perdoem*, p. 21), como características negativas para a mulher contemporânea. A autora confirma isso quando diz: “Mulherão é quem volta do supermercado segurando várias sacolas depois de ter pesquisado preços e feito malabarismo com o orçamento.” “[...]Mulherão é quem leva os filhos na escola, busca os filhos na escola, leva os filhos para natação, busca os filhos na natação, leva os filhos pra cama, conta histórias, dá um beijo e apaga a luz.” (MEDEIROS, 2014, p. 23 – 24) O mulherão descrita pela autora nessa crônica, acredito, que seja a mistura de duas mulheres pois a autora remete a características descritas anteriormente.

A autora faz a confirmação quando une características de boa mãe, prestativa, que cuida da família, com características como “Mulheres bacanas, complicadas, batalhadoras, persistentes, ciumentas, apressadas.” (MEDEIROS, 2014, p. 22) A mulherão descrita no início da crônica também encaixa-se na descrição da mulher descrita no decorrer da crônica, como quando a autora coloca que a mulherão, sob o olhar feminino, preocupa-se com a aparência ou busca uma aparência ideal para a sociedade, na mesma proporção que a mulherão “Mulherão é aquela que se depila, que passa cremes, que se maquia, que faz dieta, que malha, que usa salto alto, meia-calça, ajeita o cabelo e se perfuma” (MEDEIROS, 2014, p. 23)

A autora ainda faz a descrição da rotina profissional mulher emancipada, da mulher contemporânea quando diz: “Mulherão é quem leciona em troca de um salário mínimo, é quem faz serviços voluntários, é quem colhe uva, é quem opera pacientes.” [...] “Mulherão é quem cria os filhos sozinha, quem dá expediente de 8 horas [...]” (MEDEIROS, 2014, p. 24) são características da mulher que emancipou-se no século XIX e continua lutando para continuar emancipada.

Segundo Michelle Perrot (2013), após as mudanças na estruturação da esfera pública e privada, e através de muita luta, que as mulheres passaram a ocupar todos os espaços de trabalho possíveis. As mulheres pobres ocupavam os espaços em indústrias, campo, plantações, colheitas, eram governantas, empregadas domésticas e cozinheiras, enquanto mulheres de classe média e alta formavam-se como professoras, engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais. Mas apesar de toda mudança na esfera pública e privada, o discurso ainda posto era o de que a esfera pública era essencialmente para o homem, pois as mulheres eram consideradas incompatíveis biologicamente com a esfera pública.

A mulher burguesa, desde pequena recebe instruções. Além de serem educadas para serem mães, esposas e donas de casa perfeitas, aprendem outras línguas como o francês, tornando-se médicas e advogadas, mas, especialmente professoras. A carreira da docência passou a ser vista, então, como uma carreira em que as mulheres eram predominantes. Por outro lado, surgiram teorias que afirmavam que a feminização da carreira docente prejudicaria o rendimento do ensino, culpando a mulher pela queda do nível de qualidade do ensino. São teorias onde vê-se mais uma vez a sociedade patriarcal burguesa tentando trazer a mulher de volta a esfera privada.

Acredito que a autora quer propor para o leitor, por meio do conceito mulherão dentro da sociedade, uma reflexão. Qual dos dois pensamentos são mais comuns? Ela quer propor

uma transformação de pensamento tanto para homens quanto para mulheres pois sabe-se que ambos os sexos trazem os dois conceitos de mulherão em seus discursos. A cronista finaliza o texto dizendo que a mulherão descrita pelos homens são sensacionais no quesito beleza mas que mulherão mesmo “é quem mata um leão por dia” (MEDEIROS, 2014, p. 24)

A terceira crônica analisada é *Belíssimas*. Nesse texto, a autora trabalha com o conceito de beleza imposto pela sociedade para a mulher. Começa citando a música tema da novela da Globo, *Belíssimas*, a música chama-se *Você é linda* e é interpretada pelo cantor *Caetano Veloso*. Martha faz uma crítica a abertura da novela dizendo que retrata um padrão de beleza irreal. Deve-se levar em consideração que essa crônica foi escrita no dia 8 de março que é o dia Internacional da Mulher.

A modelo que parece de maiô, sabemos, tem um rosto perfeito: pena que pouco apareça. Em evidências, apenas aquele amontoado de ossos. Coxas quase da mesma espessura dos tornozelos e braços que mais parecem gravetos. Entre a pele e as costelas, onde foi parar o recheio?” (MEDEIROS, 2014, p. 30)

Nesse trecho do texto, nota-se uma discussão importante para a mulher contemporânea da atual sociedade. O padrão de beleza. Atualmente a mulher vem sofrendo para encaixar-se dentro de um padrão de beleza estabelecido pela sociedade, que é veiculado, principalmente, pelas mídias. Esse padrão posto busca enaltecer somente um tipo de beleza: a mulher magra, branca e de cabelo liso e quem não se encaixa nesse padrão está automaticamente nas margens da beleza atual. É nítido o pensamento da novela citada na crônica (*Belíssima*), é mais uma mídia que influência nessa ditadura da moda.

Primeiramente que, quem está na abertura da novela não é uma pessoa qualquer, é uma modelo, logo ela tem o rosto perfeito e um corpo que se encaixa totalmente no padrão estético exigido. “A modelo que aparece de maiô, sabemos, tem um rosto perfeito” (MEDEIROS, 2014, p. 30) Em seguida Martha descreve o corpo da modelo, que é um corpo magro, exatamente como ele “tem” que ser “Em evidência, apenas aquele amontoado de ossos. Coxas quase da mesma espessura dos tornozelos e braços que mais parecem gravetos.” (MEDEIROS, 2014, p. 30) Existiam mulheres que eram oponentes a essa ditadura da moda. Virginia Woolf diz “são as roupas que me usam e não o contrário” e George Sand em sua autobiografia que diz “Afirma que não se acha bonita e que isso pouco lhe importa, tendo mais o que fazer do que ficar diante do espelho.” (PERROT, 2013, p. 50).

A atual sociedade passa a dar muita atenção para a parte estética do ser humano, tornou-se praticamente uma exigência você malhar, você fazer cirurgia para mudar alguma

parte do seu corpo que não lhe agrada (será mesmo que não agrada?) ou você ter o cabelo liso. E isso é muito mais cobrado para a mulher por conta de sua história com padrões de beleza, sempre exigiu-se que ela fosse bonita, que se cuidasse, caso contrário ela não arrumaria um bom partido para casar-se. Segundo Michelle Perrot (2013), em revistas do século XVII e XIX, era comum ver as próprias mulheres escreverem a favor dessa ditadura da moda dizendo que toda mulher poderia ser bonita, era tudo uma questão de maquiagem e cosméticos. Esse padrão de beleza é um padrão do século XX e XIX pois, em outras épocas eram exigidos outros quesitos para encaixar-se. Georges Vigarello mostra as modificações do gosto pelo corpo através do tempo.

Até o século XIX, perscruta-se a parte superior, o rosto, depois o busto; há pouco interesse pelas pernas. Depois o olhar desloca-se para a parte inferior, os vestidos se ajustam mais à cintura, as bainhas descobrem os tornozelos. No século XX, as pernas entram em cena, haja vista à valorização das pernas longilíneas nas peças publicitárias. “Progressivamente, a busca da esbeltes, a obsessão quase anoréxica pela magreza sucedem à atração pelas generosas formas arredondadas da bela mulher de 1900. (PERROT, 2013, p. 50)

Uma das reivindicações do feminismo contemporâneo é a luta pelo direito ao corpo onde o movimento busca mostrar que não deve existir um padrão de beleza a ser seguido pois não existe uma beleza única, existem belezas diversas.

Num segundo momento do texto, Martha faz uma crítica sobre ao que a mulher está se tornando por influência da sociedade contemporânea. Vazias. “Já fomos mais silenciosas. Mas, ao ganhar o direito à voz, nos tornamos mulheres aflitas, que não se permitem um momento de quietude.” (MEDEIROS, 2014, p. 30) A autora passa por algumas esferas sociais em que a mulher sofreu modificações: a sentimental, a materna e a amorosa. A primeira esfera diz que hoje os sentimentos estão muito expostos, nada se esconde mais, tudo é divulgado e até viraram um tipo de mercadoria.

Atualmente, o sofrimento das pessoas virou uma maneira de ganhar status ou de ganhar dinheiro, acredito que é permitido dizer que o sofrimento virou “moda”. É comum ver pessoas comentando sobre doenças como, depressão ou qualquer outro tipo de síndrome, dentro dos recursos midiáticos. É necessário pesar os pontos bons e ruins dessa exibição. Graças a essa exibição pessoas ganharam tratamentos mas, também, existem empresas e mídias que exploram essa fraqueza do ser humano para ganhar dinheiro.

Hoje nossas deprês são extravasadas, distribuídas, ofertadas, viram capa de revista, como se a dor fosse uma inimiga a ser despejada, como se o sofrimento fosse algo

venenoso e necessitasse de expulsão, como se não valesse alimentar-se dele e através dele crescer. (MEDEIROS, 2014, p. 31)

A segunda esfera, a autora se direciona para a maternidade. Alega que hoje as mulheres não se dedicam a maternidade igual antigamente, que hoje ela não dedicam tanto do seu tempo para isso e a maternidade torna-se um “peso” para elas. O que vemos hoje em dia são mães que precisaram se adequar a um modelo de sociedade para conseguir se sustentar e sustentar sua família. Desde meados do século XIX a mulher vem tentando adaptar-se a esfera do trabalho que ela foi praticamente obrigada a participar tendo que deixar suas antigas obrigações, do lar e maternais, de lado para conseguir manter sua família.

Já fomos mães mais atentas, que geravam por mais tempo, por bem mais do que nove meses. Levávamos os filhos dentro de nossas vidas por longos anos. Hoje temos mais pressa em entrega-los para o mundo, a responsabilidade pesa, e como peso é tudo o que não queremos, acabamos por nos aliviar dos compromissos severos de toda educação. (MEDEIROS, 2014, p. 31)

Segundo Perrot (2013), a sociedade ocidental cria uma romantização sobre a maternidade, é um amor à primeira vista, o único amor incondicional. O discurso atual sobre maternidade é graças aos movimentos feministas contemporâneos que tem como uma de suas pautas a luta pelo direito ao corpo que abarca a liberdade de contracepção e à interrupção voluntária da gravidez. Hoje em dia a mulher pode escolher ter ou não ter filhos, ter filhos sendo mãe solteira, ter filhos adotados ou ter filhos no estilo antigo. A mulher ganhou o direito de escolher sobre essa esfera.

A última esfera citada é a amorosa. Aqui Martha alega que as mulheres não pensam mais em relacionamentos amorosos ligados somente amor, mas também, em relacionamentos ligados ao sexo. O sexo tornou-se parte essencial e, às vezes, parte mais importante de uma relação. A autora ainda diz que o romantismo está quase acabado. “Já fomos mais românticas. Hoje o sexo é mais importante, queima calorias, melhora a pele e não duvido que um coração vazio também ajude na hora de subir na balança.” (MEDEIROS, 2014, p. 31)

Atualmente as relações passaram a ser muito mais de satisfação individual do que de satisfação coletiva o que leva muitas vezes ao não comprometimento das pessoas com relacionamentos. As pessoas consideram mais fácil viver uma vida de solteiro (a) onde você tem satisfação individual em todas as esferas, satisfação na esfera do trabalho, na família, na amizade e, inclusive, no sexo. Não necessariamente precisa-se estar em um relacionamento para conseguir satisfação sexual. Para Giddens (1993), os relacionamentos atuais podem ser

chamados de relacionamentos puros, que é a busca do indivíduo pela sua satisfação e só são continuadas enquanto ambas as partes se consideram suficientemente satisfeitas.

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. (GIDDENS, 1993 p. 68)

A autora termina a crônica com um questionamento. Durante os anos, as mulheres lutaram e conquistaram muitos direitos que foram de extrema importância para a emancipação da mulher mas, até que ponto essas conquistas foram boas para elas? Martha diz que essas conquistas estão levando as mulheres a perderem a sua profundidade nas coisas da vida. Tudo tornou-se muito rápido, muito raso, parece que nada é vivido com a intensidade e nem com a profundidade de antes “Por um lado, conquistamos tanto, e, por outro, estamos nos esvaziando, querendo tudo rápido demais e abrindo mão de aproveitar o que a vida tem de melhor: o sabor, o gosto.” (MEDEIROS, 2014, p. 31)

As palavras de Bauman nos fazem refletir sobre a vida na contemporaneidade:

Pessoas desgastadas e mortalmente fatigadas em consequência (sic) de testes de adequação eternamente inconclusos, assustadas até a alma pela misteriosa e inexplicável precariedade de seus destinos e pelas névoas globais que ocultam suas esperanças, buscam desesperadamente os culpados por seus problemas e tribulações. (BAUMAN, 2004, p. 66)

Acredito que as relações mudaram por uma necessidade de adequação com a sociedade. Vivemos em um tempo em que as informações são transmitidas de forma muito rápida por conta das mídias, então, as relações humanas não poderiam estar diferentes, elas se adequaram com o seu contexto. A cronista finaliza o texto com uma dica “Calma, meninas. Amor não engorda. Não é preciso se agitar tanto, correr tanto, falar tanto, brigar tanto, nada disso é exercício aeróbico, é apenas tensão. Nesse ritmo, perderemos a beleza da feminilidade e acabaremos secas não só por fora, mas por dentro também.” (MEDEIROS, 2014, p. 31)

A última crônica a ser analisada é *Ai de nós, quem mandou?* Nessa crônica a autora fala sobre os direitos conquistados pelas mulheres e quais suas consequências para as mesmas. Ela inicia o texto mostrando uma pesquisa que aponta o fato de que quanto mais as mulheres estudam mais elas progridem financeira e culturalmente, ao mesmo tempo, elas regredem no campo amoroso. “Quanto mais bem-sucedidas, menores as chances de casar.” (MEDEIROS,

2014, p. 39) Martha ainda completa a ideia dizendo que os homens não estão preparados para abrir mão de sua superioridade e caminhar lado a lado com a mulher.

Os homens não estão preparados ainda para abrir mão da superioridade que o papel provedor lhes confere. E mesmo os mais antenados, que apoiam que suas mulheres sejam independentes, ficam inseguros se elas tiverem cargos de chefia e muita visibilidade. Ganhar dinheiro, tudo bem, mas aparecer mais do que eles já é desaforo. (MEDEIROS, 2014, p. 39)

Para Michelle Perrot (2013), o reaparecimento da mulher na sociedade acontece de formas diferente para ambos os sexos. Os dois vivem esse momento de transição juntos, mas a aceitação para ambos é vista diferentemente. Antes, o trabalho da mulher era voltado somente para a esfera do lar, elas nem mesmo tinham o direito ao saber, para a igreja o saber era contrário à feminilidade, era algo que não era da natureza da mulher. Atualmente nota-se um crescente aumento da população feminina dentro das universidades e dentro de profissões que antes eram destinadas somente a população masculina. Para Giddens (1993), o homem moderno anseia por status perante aos outros homens pois isso lhe trará recompensas materiais e, ele não alcançara esse desejado status se estiver com uma mulher com um salário ou com um cargo mais alto que o seu.

Nesse trecho da crônica podemos notar o quão forte o machismo ainda está presente em nossa sociedade. Quando a autora diz “Ganhar dinheiro, tudo bem, mas aparecer mais do que eles já é desaforo”, ela mostra a negação do homem frente a emancipação da mulher. Atualmente a mulher vive um momento de retrocesso quanto a sua emancipação. Os movimentos feministas estão cada vez mais em alta e estão cada vez mais sendo recorridos para conseguir conter esse retrocesso. Esse discurso posto nessa crônica que foi escrita em 2010 é mais atual impossível. Podemos notar, então, que a situação não se estabilizou ainda e pende para uma estabilização que tirará alguns direitos já conquistados pela mulher. Os movimentos que ganharam força nos anos de 1970 conquistaram importantes coisas para as mulheres como: o direito ao voto, o direito ao saber e direitos civis, e hoje a luta é a favor da manutenção desses direitos que demoraram tanto para serem conquistados e que podem ser perdidos num piscar de olhos.

Em um outro momento da crônica, a autora mostra, com muita ironia, o que supostamente deveria ser feito pelas mulheres para reverter essa situação. A autora basicamente diz que a mulher tem que voltar a ser a mulher que ela tanto repudia na crônica *As boazinhas que me perdoem* (p. 21), ela teria que voltar a ser a mulher boazinha. Isso tudo só para a mulher conseguir casar-se.

Estudem, mas fazer doutorado e mestrado é exagero, antes um bom curso de culinária. Tenham opiniões próprias quando conversarem com as amigas, mas em casa digam apenas “ahã” para não se incomodar. Usem seu dinheiro para comprar roupas, pulseiras e esmaltes, esqueçam o investimento em viagens, teatro e livros. E na hora de se declararem, troquem o “eu te amo” por “eu preciso de você”, “eu não sou ninguém sem você”, “eu não valho meio quilo de alcatra sem você”. Homens querem se sentir necessários. Amados, só, não serve. (MEDEIROS, 2014, p. 40)

Os casamentos não são mais a única coisa que preocupa a mulher. Antes o ideal de liberdade para a mulher era o casamento, só assim que a mulher deixava a casa dos pais e conseguia viver a sua própria vida. Atualmente esse não é mais um ideal buscado pela maioria da população feminina, não generalizando pois ainda existem mulheres, e muitas, que tem como ideal de liberdade o casamento. Segundo Giddens (1993), foi na última geração que, para as mulheres, viver a sua própria vida significou deixar a casa paterna.

Muitos estudiosos têm observado que, mesmo quando um indivíduo ainda está sozinho e apenas prevendo relacionamentos futuros, os homens em geral falam em termos de “eu”, enquanto as narrativas femininas sobre si mesmas tendem a ser expressadas em termos de “nós”. (GIDDENS, 1993, p. 63)

A autora também cita os movimentos feministas e os “culpa”, ironicamente, por terem proporcionado para as mulheres “o pensamento livre, a autoestima, a produtividade e a alegria de trilhar um caminho condizente com nosso potencial.” (MEDEIROS, 2014, p. 40) Martha diz que as mulheres acreditavam que se conquistassem direitos iguais, as relações sociais iriam tornar-se mais justas e mais sinceras. “De apêndices dos nossos pais e maridos, passamos a ter um nome próprio e uma vida própria, e acreditamos que isso seria excelente para todos os envolvidos, afinal, os sentimentos ficaram mais honestos, e com eles os relacionamentos.” (MEDEIROS, Martha. 2014, p. 40) Ela diz também que o amor deixou de ser algo que dá status e tornou-se algo vivido mais verdadeiramente pois as carências de ambos os sexos tornaram-se uma só e todos passaram a depender um do outro para suprir suas necessidades emocionais.

O amor deixou de ser o álibi para um lucrativo arranjo social. Passou a ser mais espontâneo, e as carências de homens e mulheres foram unificadas, já que todos precisam uns dos outros para dividir angústias, trocar carinho, pedir apoio, confessar fraquezas, unir forças no momento das dificuldades. Todos se precisam da mesma forma, não de formas distintas. Mas há quem diga que homem só precisa de paparico e mulher de quem tome conta dela, e basta. (MEDEIROS, 2014, p. 40)

Bauman questiona as relações contemporâneas e sua condição de contradição pois, marcadas pelas transformações sociais, tornaram-se extremamente individuais:

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p. 6)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho podemos notar que a condição da mulher vem sofrendo constantes mudanças, durante o caminhar dos séculos, que contribuíram e ainda contribuem para a formação de sua personalidade. Martha Medeiros trabalha dentro de suas crônicas essas transformações que ocorrem para a mulher atual.

Durante o processo de análise podemos notar alguns conceitos de mulher contemporânea dentro dos textos de Martha Medeiros tais como: a perda da feminilidade, a perda da essência romântica, a perda da essência materna e entre outros. A autora faz críticas ao novo modelo de mulher, dizendo que o progresso fez com que a mulher se perdesse em si mesma. A partir disso, Martha descreve alguns comportamentos dessa mulher, “bons” e “ruins”, podemos notar isso na crônica, *Belíssimas*, onde ela fala sobre o padrão de beleza que é imposto para a mulher contemporânea que deve se preocupar mais com o seu exterior do que com o interior o que traz influências na postura da nova mulher. Pode-se notar também, na crônica, *Ai de nós quem mandou*, que a cronista trabalha com os preconceitos enfrentados pela mulher na atual sociedade.

Nesse texto podemos notar que o machismo ainda impede mulheres de conseguirem coisas óbvias, tais como, um casamento com alguém que ela realmente goste. Martha diz que a mulher contemporânea está impossibilitada de conseguir isso caso ela esteja em uma posição financeiramente melhor que o homem. Há ainda muita resistência da população masculina com o crescimento da mulher em todas as esferas sociais. Na crônica, *O mulherão*, a autora trabalha com duas visões de mulher, um mulherão na suposta visão masculina e a outra na suposta visão feminina. Aqui, Martha conceitua uma mulher que coloca a beleza em primeiro lugar e a outra que coloca seus afazeres em primeiro lugar. Nota-se que ambas são mulheres com característica extremamente contemporâneas mas que são segregadas, o que acontece muito dentro do movimento feminista é que muitas vezes julga essa mulher que dedica-se somente para o exterior e, julga a que se dedica somente ao interior.

Em *As boazinhas que me perdoem*, a autora faz uma crítica ou, pode-se dizer, que ela faz um chamamento as mulheres que ainda vivem guiadas por um estilo de vida de séculos passados, ela chama essa mulher intitulada de boazinha para despir-se do medo e de conceitos antigos e tornar-se uma mulher livre de tudo.

Segundo Chimamanda (2015), nós somos seres sociais que internalizam ideais através da socialização.

Muitas de nossas ações são medidas por conta do meio social que frequentamos. Para a mulher essas ações são mais medidas do que a dos homens. Tornou-se normal controlar todas as ações das mulheres. Dentro dos relacionamentos, por exemplo, é ensinado para as mulheres, desde séculos passados, que elas tem que casar-se e casar-se necessariamente com um homem. O casamento pode ser uma fonte de felicidade, amor e apoio mútuo, mas, porque isso é somente imposto a mulher? Quando estão em um relacionamento são sempre elas que abrem mão de suas concepções, de suas crenças, abrir mão de seus sonhos e vontades para que a relação seja duradoura. Por que isso só é imposto para a mulher? Por que não ensinar a homens e mulheres que ambos tem que trabalhar em conjunto para que algo dure?

Ensinamos que, nos relacionamentos, é a mulher quem deve abrir mão das coisas. Criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais - não em questões de emprego ou realizações, o que, na minha opinião, poderia até ser bom -, mas como rivais da atenção masculina. Ensinamos as meninas que elas não podem agir como seres sexuais, do modo como agem os meninos. [...] Nós políciamos nossas meninas. (ADICHIE, 2015, p. 34- 35)

Essas constituições sociais são históricas, vem acompanhando o processo de crescimento social durante os séculos e, algumas coisas já foram desconstruídas, mas tais constituições estão tão enraizadas em nossa sociedade que ainda demorarão muitos anos para que realmente haja um mundo justo entre homens e mulheres. “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer quem somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero” (ADICHIE, 2015, p. 36 -37).

A mulher está presa dentro de seu próprio papel. Quando uma mulher deseja ser ouvida e respeitada ela deve se aproximar o máximo possível das características do homem, vestindo uma roupa que não demonstre tanto sua feminilidade e que a deixe mais respeitável. É necessário agir assim para ganhar respeito de outras pessoas, até mesmo respeito entre as próprias mulheres, pois, a mulher é subjugada, ela é considerada biologicamente mais frágil e por conta disso precisa a todo momento provar o contrário de sua natureza. Quando se trata de aparência, nosso paradigma é masculino, como se pode observar nas consultorias profissionais. Muitos acreditam que quanto menos feminina for a aparência de uma mulher, mais chances ela terá de ser ouvida.” (ADICHIE, 2015, p. 40)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejam todos feministas /Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Christina Baum – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BHABHA, Homi K. O local da cultura / Homi K. Bhabha; tradução Myrian Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves – Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998)

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade / Antonio Candido – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COELHO, I. Hibridismo do gênero crônica: discursividade e autoria em produções do E.F.II. 2009. 263 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Materna) – Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2009.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas / Anthony Giddens; tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993 – (Biblioteca básica)

KOLONTAI, Alexandra. A nova mulher e a moral sexual / Alexandra Kolontai. – 1ª edição: novembro de 2000.

MEDEIROS, Martha, 1961 – Liberdade Crônica / Martha Medeiros. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

PRIORE, Del Mary. História das mulheres no Brasil/ Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. De textos) 10. ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres/ Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. – 2. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto 2013.

SANTOS, R. Literatura em fragmentos: história, política e sociedade nas crônicas de Graciliano Ramos.2006. 148 f. Tese (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. 2006.

SOUZA, A. Interpretando a Linguagem figurada: um estudo em crônicas de Martha Medeiros. 2013. 129 f. Tese (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Instituto Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. 2013.

VAITSMAN, Jeni. Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea/ Jeni Vaitsman. Mulher, gênero e sociedade/ [organização, Andréa Brandão Puppim e Rose

Marie Muraro]. – Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 20001. Impresso pela Gráfica Lidador na segunda quinzena de setembro de 2001.

